

A MÃE POBRE

Betinna Câmara

A mãe pobre é um ser interessantíssimo. Sempre atenta, pra não dizer assustada. Quando eu era criança e, espirrava, por exemplo, e era dia 25 do mês, minha mãe rapidamente dizia: "não é época do mês de criança ficar doente". Eu fico assim... sabe o meme do John Travolta? Ela morreu e eu ainda não entendi qual é a época certa do mês para adoecer.

Ao mesmo tempo, minha mãe foi minha maior coach financeira. Quando eu tinha por volta de 14 anos eu queria uma jaqueta e um fichário para a volta às aulas. Minha mãe autorizou a compra e me deu R\$150,00. A Betina adolescente ficou satisfeita e foi feliz em fazer suas compras? Óbvio... que não! A inflação mudou um tanto desde então, mas o que não muda é o ranço adolescente. Naquela época R\$150,00 era uma quantia mais do que significativa. Minha mãe sabia disso. Vocês acham que ela respondeu ao meu mini piti de forma eufórica, brava ou agressiva? Não. A "pedagogia Tarantino" de minha mãe não permitia dar essa moral pra "piti" adolescente. Ela apenas disse: "faz dar". Coaches, anotem essa frase: "faz dar".

Vocês podem estar se perguntando: "e aí, deu?". Amados, não só deu pra comprar a jaqueta e o fichário, como comprei algumas canetas, comi no McDonalds e ainda voltei pra casa com três "Charges" de presente pra minha mãe. Ela comeu com gosto e um olhar de deboche que me lembro até hoje.

Em defesa das mães, quero relatar aqui que nós, os filhos, também somos fogo. Eu era mestre em fazer minha mãe passar vergonha. Aqui faço um pequeno adendo: eu tenho um fraco por ver pessoas caindo. Não pode ser criança nem idoso (antes podia, mas me melhorei-terapia, sabe?), mas fora isso... eu racho o bico de rir e não tenho piedade nenhuma. Homens brancos de sapatênis ou de patinete tropeçando? É quase um fetiche. Pago ingresso e tudo. Fecha o adendo.

Pois bem. Eu e minha mãe estávamos andando no centro da cidade onde morávamos. Uma cidade relativamente pequena, na região metropolitana de Porto Alegre-RS. Era início do mês e o centro estava fervendo. Lembro-me que íamos ao banco, e depois, almoçar. Alla minuta. Adorávamos alla minuta. Eu sempre fui uma criança muito observadora e óbvio que me chamou a atenção a cena que vi ao olhar em direção ao banco que íamos: uma mulher. Jovem ainda. Com seios tão fartos quanto os meus (ou seja, bem fartos mesmo) escondia dinheiro no sutiã. Hábito que eu já tinha, mas me chamou a atenção e lembro de ter pensado: "essa tia devia ter guardado o dinheiro na teta DENTRO do banco, não ali fora". Quando pensei em dizer pra minha mãe algo sobre minha observação e receio, um menino, bem jovem. Talvez mais jovem que eu, na época, corre em direção a senhora e... adivinhem? Enche uma das mãos pequeninas com um dos seios da mulher e, com a outra, aparava notas e mais notas de R\$50,00 que teimavam em se desabrigar daquelas carnes

opulentas.Com o susto, o esbarrão ou por obra divina, a mulher caiu no chão.

Minha mãe se assustou, foi acudir a senhora.O menino?Sumiu.Nunca mais o vi na vida.Eu.Me desmanchei de rir.Eu chorava.Agradeço pela força da bexiga adolescente, porque se fosse hoje, me "urinaria" em pleno centro da cidade.Minha mãe?Acudia a mulher e óbvio...ria. Mas se controlava.A mulher pegou ranço comigo e me xingava.Minha mãe?Ria com um pouco mais de intensidade, mas disfarçava.Vendo que não havia mais solução.Que eu não me recomporia e que a mulher iria me matar antes mesmo de conseguir levantar do chão.Por fim, minha mãe me pegou pelo braço e fomos almoçar.

A "alla" minuta daquele dia teve um gosto especial pra nós: bife, arroz, feijão e... lágrimas de riso de uma filha sem modos e de um riso sadicamente frouxo e de uma mãe solo cansada, sempre meio que apavorada, mas que fazia de tudo pra ter algum momento bom com a filha.